

A PERSPECTIVA ÉTICA DA “CARTA SOBRE O HUMANISMO” DE MARTIN HEIDEGGER

Raquel Wilma Corrêa – FUNREI – PIBIC – CNPq

Orientador: Prof. Dr. João Bosco Batista (DFIME-FUNREI)

Resumo: Embora se tenha dito que Heidegger não se ocupou do problema da ética, insistimos com nosso trabalho em apresentar a possibilidade de se adentrar na problemática, particularmente em sua “carta”. Ainda que não vejamos nenhum discurso ético explícito, procuraremos nas entrelinhas a intencionalidade fundamentalmente ética que move seu pensamento. Encontramos em Heidegger uma reflexão caracterizadamente ontológica que, longe de afastar o problema ético, toma-o de modo mais radical: busca-se os pressupostos ontológicos da ética, ou melhor, da eticidade - aquilo que se constitui no próprio manancial da legitimidade do discurso ético. Heidegger apropria-se reflexivamente da significação originária do *ethos* grego e com isto ele não se prende a esta ou àquela ética adjetivada, mas questiona a própria condição de possibilidade do discurso e da experiência ética.

Palavras-chave: 1. Ética 2. Ontologia 3. Homem

Abstract: Although saying that Heidegger wasn't in charge of ethics problem, we insisted with our work on presenting the possibility to go into the problem, particularly in his "letter". Although we don't see any explicit ethical speech, we'll seek in the among-lines the ethical fundamentally intencionalidade that moves his thought. We found in Heidegger a ontological reflection that, far away from moving the ethical problem, it takes a more radical way: it's looked for the ontologicals presuppositions of the ethics, or better, of the ethicality - that is constituted in the own ethical speech legitimacy spring. Heidegger appropriates of the original significance of the greek *ethos* and with this he isn't arrested to this or that adjectived ethical, but he questions the own possibility, speech and ethical experience conditions.

Key words: 1. Ethics. 2. Ontology. 3. Man



Embara se encontre no pensamento de Martin Heidegger uma recusa explícita em adentrar no problema ético, insistimos aqui em procurar em suas entrelinhas algo que nos remeta à questão. Procuramos mostrar que sua filosofia é perpassada pela busca de uma fundamentação ontológica da eticidade, ou seja, pretendemos encontrar em sua filosofia o *ethos* originário, origem da eticidade onde se desenrola e se constitui a estrutura do homem como ser-no-mundo. Queremos também deixar claro que não nos interessa atribuir um caráter moralizante à sua filosofia e sim investigar possíveis caminhos que nos dêem uma melhor compreensão da

presente crise histórica pela qual passa o homem.

Nossa investigação deter-se-á em sua *Carta Sobre o Humanismo* que acreditamos ser a porta de entrada para o nosso problema. Escrita em 1946, foi publicada pela primeira vez em 1947. A Carta é resposta a algumas perguntas endereçadas por Jean Beaufret, filósofo francês.

Heidegger responde as questões unindo-as às linhas gerais do seu pensamento, já presentes em *Ser e Tempo* (1927). O autor faz uma crítica à interpretação técnica do pensar que é fruto, segundo ele, da tentativa de igualar o pensamento à técnica, o

que revela um afastamento da questão do sentido do Ser. Ele cita as várias concepções de humanismo, inclusive a presente no existencialismo de Sartre, e submete-os à crítica. Avançada a discussão, Heidegger relata o encontro com um jovem amigo que questiona a possibilidade de ele escrever uma Ética. Isto se deve ao fato de ter ele pensado tão profundamente a questão do sentido da Verdade do Ser, o que suscitaria a necessidade de um indicativo do modo “como o homem, experimentando a partir da ec-sistência para o Ser, há de viver historicamente” (HEIDEGGER, 1946, p. 83). Ou seja, quais seriam as regras que orientariam o homem na sua ec-sistência. O filósofo esclarece que tais regras só são necessárias quando o homem ainda está entregue ao domínio do ente e longe da verdade do Ser. Um questionamento sobre a ética fugiria então ao foco de sua atenção que é o sentido do Ser.

Heidegger pondera em sua obra que o uso de certos termos podem confundir o leitor desatento, afinal ele busca o que há de mais originário no pensamento, e termos como ética e ontologia se distanciam de tal concepção. Dizemos isto porque foi justamente quando o pensamento se igualou à técnica e se fez ciência que tais “títulos” passaram a designá-lo.

Ocorre então que ao equiparar pensamento e técnica o homem se afasta e relega ao esquecimento aquilo que lhe é mais próximo e próprio, o sentido da Verdade do Ser. E com isso a sua história, a história do pensamento ocidental, passa a ser a história do esquecimento do Ser. Dentro deste domínio do ente, da

técnica, que nos movemos e concebemos hoje Ética como “teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade” (VAZQUEZ, A.S. 1992, p.12). Ética é a teoria que explica a moral, mas acabamos confundindo uma com a outra. Etimologicamente Ética vem do grego *ethos* que significa costume, morada e Moral vem do latim *mos* ou *mores* no sentido de costume (normas ou regras adquiridas pelo hábito).

Se concebemos Ética como normas e regras morais, fica realmente difícil falar de Ética no pensamento heideggeriano. O homem que experimenta a Verdade do Ser não pode direcionar-se por leis que massificam e o transportam novamente para o domínio do ente. Faz-se necessário para este homem uma nova perspectiva ética, presente justamente na origem grega da palavra. Heidegger afirma:

se pois, de acordo com o sentido fundamental da palavra *ethos*, o nome ética quiser exprimir que a ética pensa a morada do homem, então o pensamento que pensa a Verdade do Ser, como o elemento fundamental, onde o homem ec-siste já é a ética originária. (HEIDEGGER, 1946, p.88)

Temos aqui o ponto de partida para a nossa questão. Começamos verificando como Heidegger fundamenta o *ethos*. Citando o fragmento 119 de Heráclito: “*ethos anthropó daímon*” cuja tradução vulgar é “a individualidade é o demônio do homem”, o filósofo vai salientar que *ethos* significa “lugar de morada, espaço aberto onde habita o homem” (HEIDEGGER, 1946, p. 85). Esta dimensão de abertura nos remete ao *Dasein* que estabelece a sua relação com o mundo e com o outro. Partindo desta consideração, Heidegger afirma que

o “homem mora enquanto homem na proximidade do Deus.” Afirmando isto ele busca uma outra dimensão para o *ethos* em uma nova interpretação de Heráclito. Conta que ao receber a visita de algumas pessoas que queriam conhecê-lo, o filósofo também chamado de “O Obscuro”, encontrava-se aquecendo-se junto ao fogo. Vendo sua decepção ele diz: “os deuses também aqui estão presentes”. A decepção provém do fato de as expectativas dos visitantes terem sido frustradas ao encontrar o pensador em uma situação tão comum. E por perceber tal reação Heráclito chama-lhes a atenção para a importância da morada (ordinária) onde acontece a essencialização do que não é comum, do que está velado pelo domínio do ente.

Percebemos aqui o destaque que Heidegger dá a *ethos*, como lugar de morada do homem, não como uma doutrina de regras morais, mas como lugar de abertura do *Dasein*, lugar onde se dá a sua relação com o mundo. E o que é a Ética senão uma relação do homem com o mundo?

A proposta do pensamento de Heidegger é o retorno ao que há de mais originário no pensamento. Para isto ele diz ser necessário um retorno à Grécia antiga, não a de Platão e Aristóteles, mas a anterior onde o pensamento não fazia uso de títulos como filosofia, ética e ciência. Onde os pensamentos estavam atentos ao apelo do Ser e por eles se deixavam conduzir.

Busca-se uma linguagem originária onde *lógos* possa, no seu mais autêntico significado, deixar e fazer ver aquilo sobre o que discorre para

aqueles a quem discorre. A linguagem originária é aquela que provém do Ser, é a própria morada do Ser. Para o autor os verdadeiros guardiões desta linguagem originária são os pensamentos e os poetas, pois apenas eles são capazes de fazer com que a manifestação do ser alcance a plenitude e possa proferir a Verdade. Esta Verdade manifesta-se no *lógos*, discurso que “deixa e faz ver o ente em seu desvelamento retirando-o do velamento.” (HEIDEGGER, 1927, p. 287).

Temos aqui a linguagem compreendida como a casa do Ser assim como também entendemos *ethos*. Qual será a relação existente entre linguagem e *ethos*? Seriam ambos espaço para a manifestação da Verdade do Ser? Parece-nos claro que sim pois a linguagem, não a do “falatório” que repete e passa adiante a fala, mas aquela que é originária e *ethos* como espaço de abertura do *Dasein* apresentam-se para nós como espaço essencial de manifestação do Ser. Este espaço de abertura é a clareia do Ser, onde o homem se move como vizinho do Ser que o acolhe e o protege.

Na abertura, o homem tem a experiência de estar – lançado no mundo, inserindo-se num contexto onde ele deve relacionar-se com os outros e com o mundo. É nesta relação que o homem se compreende e se constrói. Isto se dá dentro de um horizonte de sentido, de uma interpretação herdada da tradição histórica. Heidegger em sua obra “*Heráclito*” (1944) afirma:

Pensado em suas remissões universais e modos de comportamento frente a totalidade dos entes, e, assim, pen-

sado a partir do todo, o homem se determina pelo *ethos*. Por isso podemos dizer com algum direito, que o homem é aquele ente, em meio a totalidade dos entes, cuja essência se distingue pelo *ethos*. (p. 228)

Assim definido, o homem é o único ente que se “atém aos entes na sua totalidade” e a si mesmo mantendo uma postura e um comportamento. Ele assim se relaciona a partir da clareia do Ser, ou seja, pelo *ethos* que é abertura, morada. Mas a nossa tradição metafísica define o homem como animal racional, privilegiando o dizer e o falar que nem sempre, ou melhor, quase nunca, são manifestações do Ser. São, na verdade, responsáveis pelo seu ocultamento.

É preciso então uma nova compreensão que supere a definição metafísica do homem como animal racional. Uma compreensão que caracterize o homem com *Dasein* é, como ec-sistente e ser-no-mundo, cuja postura “ética originária” seja a de assumir sua condição de “pastor do Ser”. Reconhecendo-se como aquele que está e se faz na abertura, na sua morada e que se relaciona com os entes

ou se faz no “cuidado” desta relação originária com o Ser no mundo. Como ente cuja essência é o *ethos* se relaciona com este mundo de tal forma que o sentido do Ser possa ser resgatado.

Heidegger não criou nem se dedicou ao estudo da Ética, mas podemos perceber que seu discurso nos remete aos fundamentos ontológicos da eticidade. Ao tratar do *ethos* originário, da morada, o filósofo nos remete para uma nova perspectiva ética. Não podemos, como já foi dito, atribuir um caráter moral à sua filosofia, pois, estaríamos interpretando erroneamente o seu pensamento. No entanto, a busca de uma Ética originária se faz para nós necessária, visto que o homem passa por uma crise histórica, fruto de uma falta de compreensão do sentido do Ser. E acreditamos que a partir desta nova visão e postura “ética”, ele possa indicar caminhos que o direcionem para uma possível solução desta crise que nada mais é do que uma crise de compreensão do próprio Ser do homem.

Referências Bibliográficas

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Carta Sobre o Humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

_____. *Heráclito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 7ed, Apostolado da Imprensa. s.d.

VAZQUES, A. Sanches. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 13 ed. 1992